

TRIUNFAL RETORNO DE MACHADO DE ASSIS

Sinto-me honrado por aqui me encontrar para redigir como que sucinto prólogo a uma obra psicografada, cujo autor espiritual se encarregou, ele mesmo, o velho Machado de Assis, de aqui apor dois prolóquios — “Duas Palavras”, datadas de agosto de 1958, e “Mais uma Palavra”— que antecedem o primeiro e belíssimo capítulo, intitulado “Ela”, o mesmo “Ela” da primeira poesia que ele fez e publicou, na “*Marmota Fluminense*”, aos dezesseis anos de idade.

Este livro, fruto de dedicada tarefa mediúnica — tenho certeza — se tornará um best-seller, chamando a atenção de grande parte dos críticos literários, como aconteceu após o lançamento do *Parnaso de Além-Túmulo*, em julho de 1932, enfeixando produções poéticas de grandes vates do Brasil e de Portugal, e a chegada ao público leitor, em 1951, do *Falando à Terra*, ambos psicografados pelo inesquecível médium e amigo, Francisco Cândido Xavier (1910-2002), editados pela Federação Espírita Brasileira. Neste último, de prosadores, comparecem quarenta ilustres personalidades brasileiras e de outras nacionalidades, inclusive a inglesa; doze famosos representantes da Igreja Católica; seis espiritistas, além de um médium português, desencarnado, no Rio de Janeiro. Dentre os Espíritos comunicantes, destacam-se: Rui Barbosa (1849-1923), com belíssima “Oração ao Brasil”; Frei André

de Cristo; Frei Bartolomeu dos Mártires; Antônio Americano do Brasil; Padre Bento Pereira; Deodoro da Fonseca; Frei Fabiano de Cristo; Farias Brito; Frei Francisco do Monte Alverne; Francisco Vilela Barbosa, Marquês de Paranaguá; Inácio Bittencourt; Madre Joana Angélica de Jesus; Padre João de Brito; Arcebispo Joaquim Arcoverde; Leopoldo Fróis; Luís Olímpio Teles de Menezes; Frei Mâncio da Cruz; Mariano José Pereira da Fonseca, Marquês de Maricá; Múcio Teixeira; Paulo Barreto; Roberth Southey; Romeu do Amaral Camargo; Padre Sousa Caldas; Teresa D'Ávila, e Viana de Carvalho. Os desencarnados há mais tempo foram Teresa D'Ávila (1582); Padre Mâncio da Cruz (1621); Padre João de Brito (1693) e Isabel de Castro, notável dama portuguesa, em 1724.

Por que tantas citações? — há de perguntar o paciente leitor. Para que possamos avaliar o quanto é importante a tarefa medianímica, a qual dá oportunidade a tantos Espíritos de filósofos e religiosos para que nos tragam ensinamentos, instando-nos a cada vez mais estudar as obras espíritas, a partir de todas as deixadas por Allan Kardec.

Antes de prosseguir, pretendo agradecer ao Professor Cléber Varandas e à Diretoria da Fundação Espírita Cárita, ao Espírito do marido da Professora Ismênia dos Santos, Sr. Franklin dos Santos, e aos médiuns que a incentivaram no cumprimento de seu mediunato, Sr. José Luiz Henriques Dutra e Chico Xavier. Agradeço, de coração, a confiança em mim depositada, um estudioso da Poesia e com poucas incursões no mundo da Prosa.

Que fique aqui registrado o meu profundo agradecimento, extensivo aos Espíritos que incentivaram o Sr. Dutra

para que, com carinho, tivesse a idéia de cuidar, arquivar e divulgar, tanto quanto possível, todas as páginas mediúnicas, principalmente desta obra-prima que são as *Memórias Póstumas de Machado de Assis*, livro que deveria ter visto a luz em 1958, ano comemorativo do cinqüentenário da partida de nosso autor para o Plano Espiritual. Mas, como não era chegada a hora, já que não existe o acaso, somente agora, no ano em que comemoramos o seu Centenário de Desencarnação, para a alegria de todos os seus leitores, encarnados e desencarnados, a obra surge a lume.

Tenho para com Joaquim Maria **Machado de Assis** uma admiração que remonta aos meus quinze anos de idade, quando tive oportunidade de ler algumas de suas obras, dentre outras, *Iaiá Garcia e Esaú e Jacó*, das quais não gostei muito; mas, lembro-me bem, quando li *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, fiquei tão entusiasmado, que cheguei a pensar em escrever sobre esses livros, um dia.

Outro fato interessante é que quando me casei, a 25 de janeiro de 1964, recebemos, Cândida e eu, de presente, das mãos de nosso Marival Veloso de Matos, hoje presidente da União Espírita Mineira, e de sua Esposa Dilene, os trinta e um volumes encadernados das obras completas de Machado de Assis, os quais li com tanto prazer, que não consegui deixar meus apontamentos nas páginas de maior importância, como é de meu costume, devido à beleza daquele conjunto de livros preciosos, lançados pela Editora Mérito S.A., e depois as Edições Críticas de Machado de Assis, pela Civilização/MEC, em 1977, começando pelo volume 13, exatamente o das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Certa vez, na década de sessenta, quando o nosso Chico Xavier participava das sessões de Desobsessão da Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, através de uma senhora, médium de largos recursos, comunicou-se um Espírito em sofrimento extremo, afirmando: “fui e sou escritor, mas o meu coração está seco. Necessito de ajuda.” Estava convicto de que se tratava do Espírito carinhosamente chamado Machadinho. Coisa curiosa é que, na época, alimentava a idéia de escrever um livro, intitulado *O Lado Bom de Machado de Assis*, mas procrastinei o projeto por me lembrar que ele, o autor de *Crisálidas*, havia deixado páginas, no mundo, contrárias ao Espiritismo, e eu, morando no interior de Minas Gerais, no exercício da Medicina e do magistério, na Faculdade, além de médico assistente no Sanatório Espírita de Uberaba, não dispunha de tempo suficiente para pesquisar na Biblioteca Nacional, como o fizera, no final da década de cinquenta, quando me preparava para organizar a *Antologia dos Imortais*, que somente saiu à luz, em meados de 1963.

Um fato que merece destaque: em 18/10/84, o grande amigo e bibliófilo, Sr. Stig Roland Ibsen (Estocolmo, Suécia, 12/7/1927 - São Paulo, Capital, 5/2/1995), acompanhado por sua Esposa, D. Edith, passou-me às mãos, com belíssima dedicatória, o excelente livro de Ubiratan Machado, *Os Intelectuais e o Espiritismo - De Castro Alves a Machado de Assis* (Antares, Pró-Memória/MEC, 1983) no qual, a partir do Cap. VI, “Maçons e Espíritos: As Afinidades Eletivas”, transcreve os principais trechos em que o “bruxo do Cosme Velho” demonstra que, desde a mocidade, “revelou-se inimigo implacável do espiritismo”, assim iniciando Ubiratan Machado

o referido capítulo, que tem por epígrafe um trecho de Proust, no original francês:

“A febre espírita que grassava na Corte está na gênese da publicação no *Jornal das Famílias*, revista dedicada em especial às mulheres e à família, de ‘Uma Visita de Alcibiades’, de Machado de Assis. O conto, uma sátira mordaz ao espiritismo, é a primeira obra em prosa de ficção da literatura brasileira em que surge um personagem espiritista, como então se dizia. / Mais tarde, o conto seria reescrito, quando o escritor já estava em plena glória de sua maturidade intelectual, sendo incluído nos *Papéis Avulsos*. A comparação das duas versões interessa não apenas para demonstrar a evolução artística do escritor, como para realçar a sua posição intransigente em relação ao espiritismo.” (P. 129.)

À p. 200, o autor afirma que Machado de Assis já se modificara muito, a partir da publicação de *Esau e Jacó*, complementando: “A esta altura, não seria exagero dizer que, como o Conselheiro Aires, seu personagem e alter-ego, ele ‘sendo tolerante, professava virtualmente todas as crenças deste mundo.’” E prossegue: “O ano de publicação do romance, 1904, é o mesmo da morte de Carolina. E a perda da companheira de 35 anos de vida em comum aumentara no velho escritor a certeza da sobrevivência da alma: ‘Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará’, escreve a Joaquim Nabuco, pouco após a morte da esposa.”

Pretendia o autor desta despreziosa nota percorrer todos os volumes das **Edições Críticas de Obras de Machado**

de Assis, iniciando pelo volume 13, exatamente o das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Civilização Brasileira/MEC, 2ª edição, 1977); o nº 5 dos 31 das **Obras Completas** da Editora Mérito S.A., impresso na Gráfica Editora Brasileira Ltda., de São Paulo, em 1959, e as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Série Bom Livro/Edição Didática, São Paulo, Ática, 8ª edição, 1981), mas julguei tratar-se de um exagero, que viria prejudicar o lançamento destas Memórias Póstumas. Optei por deixar que o próprio leitor faça o cotejo entre a obra mediúnica e a que ficou no mundo, o “Prólogo da terceira edição”, assinado por Machado de Assis, e, em seguida, “Ao leitor”, com a assinatura de Brás Cubas, faltando apenas a célebre dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas MEMÓRIAS PÓSTUMAS”, o que, naturalmente, seria uma redundância na obra mediúnica.

Inicialmente, importante verificar que a maioria dos capítulos de sua obra terrena são pequenos, e todos numerados em algarismos romanos, alguns e não poucos, com títulos bastante extensos. Inclusive o VI, em francês; “O delírio”, ocupando onze páginas; “Uma reflexão imoral”; “Que escapou a Aristóteles”; “Notas” (Capítulo XLV) vale a pena ser transcrito, na íntegra: “Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d’água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada,

não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.”

Daqui por diante, vejamos apenas peculiaridades do estilo do autor, como, por exemplo: cinco pontos como título do cap. LIII; no cap. LV, diálogo entre Brás Cubas e Virgília, com respostas apenas pontilhadas, e o cap. LXXI, “O senão do livro”, que nos interessa de perto: “Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... / E caem! — Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.”

Para terminar, sugerimos ao leitor amigo verificar que, nas *Obras Póstumas de Brás Cubas*, há mais de trinta capítulos preenchendo apenas uma página. Outros com apenas algumas

linhas pontilhadas e com tantas características do estilo inconfundível do velho autor das *Falenas*.

Torna-se obrigatória, ademais, a consulta às quase oitocentas páginas da *Bibliografia de Machado de Assis*, por J. Galante de Sousa (Ministério da Educação / Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1955, que contém importantíssimos fac-símiles das páginas de rosto das Obras Completas das edições princeps e de trechos manuscritos do autor em três de suas comédias, além da de *Esau e Jacó*; as quinhentas e trinta e oito páginas da *História da Literatura Brasileira - Seus Fundamentos Econômicos*, de Nelson Werneck Sodré (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 3ª. Edição, 1960); *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*, de Raimundo de Menezes (Edição Saraiva / Instituto Nacional do Livro, Vol. I, São Paulo, 1969; Suplemento mais! da *Folha de S. Paulo* (27/01/2008); o pequeno mas precioso *Machado de Assis - Poesia*, nº 82 da Coleção Nossos Clássicos, por Péricles Eugênio da Silva Ramos (Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1964), além dos cinco volumes organizados por R. Magalhães Júnior — *Contos Esquecidos; Contos Avulsos; Contos Recolhidos; Contos Esparsos* e *Contos sem Data* (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, “Clássicos Brasileiros”, MCMLXVI).

No livro *Machado de Assis - Poesias*, encontramos o soneto “A Carolina”, cujos últimos tercetos são os seguintes: “Trago-te flores, — restos arrancados / Da terra que nos viu passar unidos / E ora mortos nos deixa e separados.// Que eu, se tenho nos olhos malferidos / Pensamentos de vida formulados, / São pensamentos idos e vividos.” Os demais poemas denotam algo que seria aperfeiçoado pelos

poetas parnasianos, assim como na prosa, deixou de seguir os naturalistas para criar seu próprio estilo, que a todos nos encanta.

Curioso observar que, além de Maria Ignez, vários Benfeitores Espirituais socorreram Machado de Assis no seu processo liberatório, e o quanto demorou para que pudesse chegar até à sua querida Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem se casou a 12 de novembro de 1869, tudo tendo ocorrido de acordo com a Lei do Merecimento.

Que na próxima existência, possa o velho Joaquim Maria Machado de Assis nascer num Lar onde reine a Paz do Cristo e ele possa escrever somente livros espíritas, em prosa e verso, para ajudar, de forma definitiva, toda a nossa grande família — a Humanidade.

Que Jesus o abençoe e a todos aqueles que contribuíram para que esta obra esplêndida chegasse até nós.

Elias Barbosa

Uberaba, 26 de fevereiro de 2008.

DUAS PALAVRAS

No meu tempo de mortal, embora imortal fosse pela condição de acadêmico, escrevi um livro, as “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que, por se me afigurar enfadonho e pesado, não seria lido por muitas pessoas — cinco no máximo, talvez três. Certo, porém, é que a obra fez rumor e alcançou notoriedade, e os enigmas que nela deixei, muito de engenho, ainda hoje perturbam ensaístas, pesquisadores e curiosos.

Mais que tudo excitam os bisbilhoteiros, de olhos nos orifícios das fechaduras, procurando surpreender como deu ensejo meu outro romance, “Dom Casmurro”, a vez primeira em que Capitu traiu o marido. Ora, gente, Capitu sempre traiu, e é plausível que haja nascido à traição. Mas deixemos para trás esses personagens idos e vividos e tratemos do que importa.

Dirão muitos leitores que, dando este livro de além-túmulo, eu me repito por trazer à luz outras Memórias Póstumas, renovando especulações em torno do fenômeno da morte; mas concordo em que haja repetição. E não constitui a repetição uma lei da vida? Não segue o dia de hoje o mesmo ritmo do dia de ontem? Não nos acordamos hoje para reeditar gestos idênticos aos de ontem: os monótonos deveres de higiene matutina, vestir a fatiota, calçar as botas, ir ao café com leite e pão-e-manteiga, tomar o bonde, chegar ao serviço,

desempenhar as tarefas do dia, alimentar-se, ler as gazetas e, concluindo o expediente, depois de uma passada pela Livraria Francisco Alves a ver os amigos e surpreender as novidades editoriais, retornar a casa, descalçar as botas (lembra-me haver outrora escrito uma página sobre o prazer inefável de descalçá-las), tomar o ar fresco da fralda do morro, amolecer-se de cansado, derrear-se na cama, dormir e alcançar o outro dia para refazer tudo de novo?

Concordo em que há aqui repetição, mas desde já contradigo os que supõem encontrar nestas novas “Memórias Póstumas” a reprodução daquelas antigas que o Garnier trouxe a lume.

Logo de início, o leitor astuto exclamará: “Eu não disse? Machado se repete, pois inicia estas memórias contando a morte do autor, tal qual o fez Brás Cubas!” Não se apresse, porém, nem se vanglorie antes da hora. Queira por obséquio abrir as velhas memórias e verificar que, se bem eu as houvesse começado com a descrição da morte do personagem, não me foi possível manter o sentido inverso de sua vida; não pude, diga-se assim, agüentar a mão numa narrativa de diante para trás.

Por isso mesmo, encerrei logo o relato da morte de Brás Cubas e entrei a narrar o seu nascimento, seguindo a ordem natural das coisas.

Vejam, pois, que há diferença fundamental entre as duas memórias; aquelas truncaram-se de saída, mas estas pretendo eu que se prolonguem ordenadamente, desde minha agonia até o pleno despertar na pátria espiritual. Não quero saber de originalidades, de truques e de encantamentos. De nada disso quero saber. Vou contar, na essência, o que comigo se passou a

partir do momento em que uma porta se abriu e outra se fechou, desde quando a Parca¹ deu a entender que minha vida terrena estava selada. E, sob este aspecto, o livro segue a linhagem descritiva do “Gênesis”², o que não é nada original.

Já que não posso aplicar-lhe um piparote na barriga, leitor malicioso e incrêu, dou-lhe um forte calafrio astral.

*Machado de Assis,
agosto de 1958.*

¹ — *Parca* - Nome genérico para designar três divindades da mitologia grega, senhoras da vida humana, de cuja trama se encarregavam. *Cloto* produzia os fios da vida, *Láquesis* enovelava-os e *Ártemis* cortava-os. Em sentido figurado simboliza a morte.

² — *Gênesis* — Primeiro livro do Pentateuco, cuja autoria é atribuída a Moisés, o grande líder e legislador do povo hebreu. Nele estão contidas a criação do Mundo e a história primitiva do homem.

MAIS UMA PALAVRA

Há-de o leitor compreender algo que me escapou nas “DUAS PALAVRAS” e que ainda precisa ser dito, ainda que no apêndice de um prólogo. O prefácio nada mais é do que a desconfiança do autor em relação ao leitor. Já que dei o meu exórdio em “DUAS PALAVRAS”, todos estarão a pensar que não confio na sutileza dos que me lêem. Puro e ledó engano. Tenho-os, a todos, na melhor conta.

Caso é, porém, que não se trata aqui de uma obra literária terrena, cujo autor possa ser fotografado, entrevistado e, porque não o direi, autografado. Sinto-me fora dessas hipóteses, envaidecedoras por certo, mas colocadas além do meu alcance. Vaidade das vaidades, como ainda podeis acenar-me com os vossos encantos!

Verdade é, todavia, que ao leitor devo uma aula de didática para que possa entender este livro. E o entendimento parte de um problema de física: o problema das dimensões. Não imagineis que a quarta dimensão seja o supra-sumo. A quinta, a sexta e a sétima — a crístima ou a búdica — escapam a vossa compreensão.

Deixo-vos, entretanto, uma percepção primária, uma espécie de chave de decifração dos mistérios de Salomão. Quanto amei os mistérios e tentei decifrá-los e me convenci, plenamente, diante dos fatos, que sempre foram os ponteiros da verdade, de que há uma outra vida, sem a qual a passagem do homem pela face da Terra não teria sentido nenhum, nenhum...

Nesta fala, cuidei que escreveria uma palavra, mas dúvida não resta de que escrevi múltiplas.

Words... Words...

Abriu-se a porta para eu mesmo sair.

Ela

A bela dama mirava o céu. Era dia alto e belo. O sol tingia de luz furta-cores o horizonte e os caminhos. Que linda que ela estava! Radiosa! Trajava vestes irisadas com o seu diadema de flores fulgurantes e as sandálias pequeninas de cetim róseo, salpicadas de bordados luminosos; cuidaria, por certo, que se ataviara para uma festa de gala. Mas não foi. Em verdade vos digo que estava finamente preparada para outros fins. Fora finamente ataviada à procura de um nobre e velho amigo de muitos séculos. Pois ambos eram movidos pelo mesmo anelo, pelo mesmo ideal, pela mesma soma de interesses...

Vejamos como fora hábil!... Ela entrou em meu gabinete de trabalho com ares de rainha. Mirou, de alto a baixo, a sua túnica extraordinária, desceu os olhos até as ricas sandálias de cetim, deu uma olhadela para as mimosas luvas de pelica branca e, por fim, fixou-me os olhos ternos, amorosos; beijou-me a face ligeiramente, despediu-se e saiu solfejando uma terna e doce melodia. Era assim o seu jeito! Sempre alegre, dinâmica, amorosa, festiva... gostava de música, de coisas novas... era idealista.

Vejam como é diligente e caprichosa! Se ela com suas gentis maneiras não houvesse tomado tão sérias e decisivas providências junto àquele prestimoso e fiel amigo, talvez tu, caro leitor de terras longínquas, não estivesses lendo agora estas singelas, sinceras e desnudas páginas registradas através das ondas mediúnicas. Juro que não estarias! Juro!

Porém ambos insistiram, firmemente, e eis aqui o resultado de um projeto que mais parecia uma simples brincadeira de calouros...